

A PRIORIDADE ONTOLÓGICA DAS SUBSTÂNCIAS IMÓVEIS SE- GUNDO O LIVRO *LAMBDA* DA *METAFÍSICA* DE ARISTÓTELES¹

THE ONTOLOGICAL PRIORITY OF THE UNMOVED SUBSTANCES ACCORDING TO ARISTOTLE'S *METAPHYSICS LAMBDA*

SOUSA, M. C. (2018). A prioridade ontológica das substâncias im-
óveis segundo o livro *Lambda* da *Metafísica* de Aristóteles. *Archai*, n.º
22, Jan.-Apr., p. 65-97

DOI: https://doi.org/10.14195/1984-249X_22_3

Resumo: A partir da leitura da *Metaph.* de Aristóteles que toma a substância, e outros conceitos correlatos, como temas centrais do tratado, este estudo é dedicado a algumas questões vinculadas ao livro *Lambda*². Deste modo, na primeira parte do texto, discuto o que é a filosofia primeira (sua natureza e seus objetos de investigação) para, em seguida, estabelecer

archai 

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Meline Costa Sousa, 'A prioridade ontológica das substâncias imóveis segundo o livro *Lambda* da *Metafísica* de Aristóteles', p. 65-97

uma relação entre *Lambda* e o projeto de uma filosofia primeira. A segunda parte do texto aborda os moventes imóveis a partir da classificação dos tipos de substância proposta em *Lambda* 1.

Palavras-chave: Aristóteles, *Metafísica*, filosofia primeira, substâncias, moventes imóveis.

Abstract: Considering Aristotle's *Metaph.* from the perspective of a study on substance and other related concepts, which is assumed as the crossing line of some *Metaphysics*' books, the following lines are going to deal with some issues in *Lambda*. In the first part of this paper, I analyze the idea of a first philosophy (its nature and subjects) with a view to outlining a relation between *Lambda* and a project on first philosophy. In the second part, I discuss the unmoved movers from the perspective of the substances' classification found in *Lambda* 1.

Keywords: Aristotle, *Metaphysics*, first philosophy, substances, unmoved movers.

LAMBDA³ E A FILOSOFIA PRIMEIRA

Do ponto de vista terminológico, Aristóteles refere-se, ao longo dos livros da *Metaph.*⁴, à filosofia primeira (*protes filosofias*)⁵ como sabedoria (*sophia*), ciência/conhecimento (*episteme*) e teoria (*theoria*)⁶. Contudo, como reconhecem alguns estudiosos⁷, o texto não é claro quanto à natureza desta filosofia primeira. A defesa da necessidade deste tipo de sabedoria pauta-se na apresentação da especificidade do seu objeto de investigação e dos fins que a conduzem⁸.

Ao longo das primeiras linhas de *Gamma* 1 1003a20-25, encontra-se a indicação de haver uma ciência⁹ que teoriza sobre o ente enquanto ente (*to on hei on*) e suas propriedades. O critério para distinguir esta sabedoria das demais se baseia no fato de as outras ciências teorizarem apenas sobre um aspecto

do ente e sobre as características decorrentes deste aspecto¹⁰. Por exemplo, cabe ao filósofo da natureza investigar as substâncias naturais, levando em consideração seus princípios imanentes de movimento e repouso (forma e matéria). Deste modo, “à física compete o estudo dos entes, não enquanto entes, mas enquanto dotados de movimento” (*Kappa* 3 1061b6-7). Já o matemático estuda os objetos matemáticos (linha, superfície, número, reta, etc.), os quais existem nas substâncias naturais, abstraindo-os do substrato ao qual estão vinculados (por exemplo, a curvatura do nariz). Diferentemente tanto da física quanto da matemática, a filosofia primeira teoriza acerca dos entes, não enquanto são entes naturais ou matemáticos, mas em vista daquilo que lhes é mais universal (*Epsilon* 1 1026a23-32), o fato de serem entes¹¹.

Em *Gamma* 2 1003a33, encontra-se a famosa afirmação “o ente se diz de muitos modos” (*to de on legetai men pollachos*). Como sugere Owen (1986, p.180-9), todos estes sentidos do termo *to on*, expressos através das categorias, são modos de dizer o ente que pressupõem um sentido primeiro, a dizer, a substância¹². Esta se refere, de modo mais geral, a cada ente tomado na sua “unidade fundamental” (Schaffer, 2009, p.348)¹³. Portanto, de acordo com Schaffer (*ibidem*, p.351), “a noção central de substância é a de uma unidade básica, última e fundamental do ente” que não se aplica apenas às substâncias sensíveis¹⁴, mas também às substâncias imóveis.

Deste modo, como a filosofia primeira investiga o ente, e o seu sentido mais fundamental é substância¹⁵, a filosofia primeira deverá investigar a substância (suas causas e princípios). A autonomia e independência das

substâncias são importantes, pois, caso elas dependessem de outros entes e não fossem primeiras, a existência das substâncias estaria condicionada à existência desses outros entes, os quais seriam o que é primeiro e mais fundamental¹⁶.

Dizer que a filosofia primeira estuda o “ente universalmente e enquanto ente” (Bell, 1998, p.66) significa que ela trata das propriedades essenciais e acidentais de todas as “instâncias de entes” (*idem*), as quais pertencem a eles justamente pelo fato de serem entes¹⁷. Quando investigamos o ente enquanto tal, temos em vista os predicados pertencentes a diferentes indivíduos (homem, cachorro, triângulo isósceles)¹⁸ não enquanto eles são parte de um gênero (animal, triângulo), mas enquanto substâncias ontologicamente autônomas; cada uma a seu modo. O termo *to on* não pode ser pensado em sentido unívoco, tal como animal é dito, no mesmo sentido, de homem e de cachorro, mas em sentido equívoco¹⁹.

Assim, a sabedoria é descrita (*Alpha* 1 982a1; 3 983a25) como ciência²⁰ de certos princípios e causas (*tinai archas kai aitias*) mais especificamente, das causas primeiras (*proten aitian*) dos entes. Deste modo, seguindo Schaffer (2009, p.347-8), ela investiga o que é fundamental ou, em outros termos, primeiro. Não se trata, portanto, de investigar se causas primeiras existem ou não, mas de identificar quais são elas.

A primazia da filosofia primeira, frente às outras ciências, é apresentada (*Alfa* 2 982a4-b10) em analogia com o sábio²¹: sábio é aquele que busca o conhecimento sem ter em vista outro fim que o próprio conhecimento; este que deseja o conhecimento sem

ter em vista outro fim deseja o conhecimento último, daquilo que é mais cognoscível em si; maximamente cognoscível são os primeiros princípios e causas, a partir dos quais se conhece todas as coisas; logo, o sábio busca o conhecimento dos primeiros princípios e causas²². Por fim, conclui-se que “esta [ciência] investiga os primeiros princípios e causas²³, pois o bem e o fim das coisas é uma causa” (*Alpha* 2 982b9-10).

Sobre a relação entre *Lambda* e os outros livros²⁴ da *Metaph.*, Burnyeat (2001, p.130 *apud* Menn, 2011, p.196) apresenta a ligação entre a investigação do âmbito das substâncias sensíveis com o âmbito das substâncias não sensíveis²⁵ a partir da noção de ato. A transição das substâncias sensíveis, compostas de matéria e forma, cuja substância é identificada com a forma (*Zeta*), para as substâncias não sensíveis e imóveis passaria pela discussão sobre a potência e o ato em *Eta-Theta*.

Como será explicitado adiante, o discurso acerca daquilo que é ato puro, as substâncias imóveis ou “*ousiai* divinas” (*idem*), é precedido pela investigação das substâncias detentoras de potencialidade²⁶ e, consequentemente, pela dependência entre potência e ato. Como acrescenta Menn (2011, p.197), a discussão sobre ato-potência em *Theta* contribui para a discussão presente em *Lambda*: 1) ao fornecer os conceitos de ato e potência (*Theta* 6) e, mais que isso, 2) ao estabelecer a primazia do ato frente à potência (*Theta* 8). Portanto, o argumento presente em *Theta* 8, segundo o qual “toda potência pressupõe um ato a ela anterior, permite ao ‘filósofo primeiro’ argumentar, tal como feito em *Lambda* 6, em favor de uma causa primeira para o movimento, a qual é ato puro” (*idem*).

A relação entre *Lambda* e o projeto de uma filosofia primeira²⁷ pode ser traçada a partir da noção de substância. Portanto, se a substância é tema central ao longo dos livros da *Metaph.*, percebe-se, também em *Lambda*, a sua centralidade (“esta teoria²⁸ é sobre a substância. Os princípios e causas buscados são referentes a ela”) e o cuidado aristotélico com a totalidade dos entes através da tentativa de estabelecer os princípios e causas dos diferentes tipos de substâncias.

O OBJETO DE INVESTIGAÇÃO DE *LAMBDA* E A PRIORIDADE ONTOLÓGICA DOS MOVENTES IMÓVEIS

Na tentativa de justificar a importância do objeto de investigação de *Lambda*, Aristóteles apresenta alguns argumentos²⁹, dentre eles, a explicitação da primazia da substância. Esta é afirmada tanto se o universo constitui-se como um todo contínuo, “a totalidade de tudo que existe” (Berti, 2016, p.69), ou seja, uma unidade cujas partes mantêm-se relacionadas³⁰, quanto como uma série hierárquica e não contínua de entes (discreto)³¹; pelos exemplos dados em 1069a21 (qualidade, quantidade), os elementos que compõem esta hierarquia parecem referir-se às categorias³², sendo, a substância o que é primeiro na medida em que todas as outras categorias são atributos da substância³³.

A distinção entre os tipos de substância (*Lambda* 1 1069a30-b3) é crucial para compreender, em detalhes, o que investiga este livro. São eles a substância sensível (*aisthete*), englobando as substâncias corruptíveis e as que realizam um movimento circular eterno, e a substância imóvel (*achinetos*).

Alguns estudiosos consideram que a substância imóvel denota o primeiro movente imóvel. Contudo, a ocorrência dos termos no singular em referência ao terceiro tipo de substância, a substância imóvel, não indica a existência de uma única substância³⁴. O singular também é utilizado na expressão “substância sensível”, a qual se subdivide em entes corruptíveis, as plantas e os animais, e entes eternos, os corpos celestes. Além disso, em *Lambda* 8, Aristóteles menciona a existência de 55 ou 47 moventes imóveis³⁵.

Deste modo, esta primeira classificação das substâncias, ainda que não forneça muitos detalhes acerca da natureza de cada uma delas, indica os dois grandes objetos de investigação de *Lambda*³⁶: a substância sensível³⁷ e a substância não sensível ou imóvel³⁸. Portanto, se o objeto de investigação são as substâncias, e as substâncias são sensíveis ou imóveis, o objeto de investigação de *Lambda* são as substâncias sensíveis e imóveis.

Subjaz a esta primeira exposição do objeto de investigação de *Lambda* (a substância) e da referência ao fato de se tratar dos princípios e causas da substância³⁹, o cuidado aristotélico em demarcar a cientificidade da sua empresa. Como todo conhecimento é conhecimento das causas, se o objeto de investigação de *Lambda* são as substâncias, o conhecimento produzido é o conhecimento das causas e princípios da substância. Contudo, poder-se-ia questionar, esta afirmação é igualmente válida para a substância sensível e para a substância imóvel⁴⁰? Já que não há uma causa para ação do movente imóvel, não haveria conhecimento dele?

Os princípios e causas são os mesmos para todas as substâncias sensíveis se tomamos princípios e causas

Meline Costa Sousa, 'A prioridade ontológica das substâncias imóveis segundo o livro *Lambda* da *Metafísica* de Aristóteles', p. 65-97

em sentido analógico⁴¹: podem ser considerados os mesmos porque matéria, forma, privação e as causas do movimento são comuns a todas as coisas⁴². Em outras palavras, todas as substâncias sensíveis possuem forma, matéria, privação e causas eficientes para o seu movimento ou mudança. Contudo, estes princípios são numericamente distintos na medida em que as substâncias não compartilham dos mesmos princípios; a forma do pai é numericamente diferente da forma do filho, pois os dois são “particulares numericamente distintos” (Code, 2000, p.161).

As dificuldades surgem quando nos voltamos para a substância imóvel. Os princípios e causas relativos às substâncias sensíveis (forma, matéria, privação) não se aplicam a este tipo de substância. Assim, como pensar as causas e princípios das substâncias imóveis?⁴³ Ou elas devem ser entendidas como princípios absolutos?

Aristóteles, em *Theta* 8, apresenta uma sequência de raciocínios para demonstrar a primazia do princípio ativo e a necessidade de que ele não seja corruptível. Dentre eles (*Theta* 8 1049b10-3), encontra-se a primazia substancial (*tei ousiai protera*) do ato frente às substâncias corruptíveis e às substâncias eternas⁴⁴. Os exemplos de primazia substancial aplicada ao primeiro tipo de substância são: o adulto é anterior à criança e o homem é anterior ao esperma⁴⁵.

No caso das substâncias eternas, a primazia substancial está relacionada à ausência de corruptibilidade que lhes é própria, a qual é associada à ausência de potencialidade. Segundo a argumentação proposta em *Theta* 8 1050b6-34, entes corruptíveis são entes que

se encontram em potência, podendo, assim, existir ou não existir (já que potência é potência de contrários). Assim, se os entes eternos não são corruptíveis, eles não se encontram em potência; decorrendo disso o fato de sempre existirem. Logo, eles são entes eternos e em ato.

A primazia das substâncias eternas e em ato é apresentada em *Lambda* 6⁴⁶ ao serem associadas aos princípios: se todos os princípios são corruptíveis, todos os entes também são corruptíveis; as substâncias são princípios; logo, se todos os princípios são corruptíveis, todos os entes também são corruptíveis. No entanto, é sabido que existem dois tipos de substâncias que não são corruptíveis, a eterna e a imóvel⁴⁷. Logo, nem toda substância é corruptível.

Valendo-se da conclusão exposta no raciocínio anterior, ou seja, as substâncias eternas e imóveis não são corruptíveis, Aristóteles chega à necessidade da substância imóvel a partir do movimento⁴⁸. Como há um movimento circular contínuo (*Ph.* VIII.8) das substâncias eternas⁴⁹, cada uma delas depende de um princípio para o seu movimento que esteja sempre em ato⁵⁰. Se não fosse assim, ou seja, se o princípio que é causa do movimento de cada uma das esferas celestes não estivesse em ato, mas em potência para mover e “visto que aquilo que está em potência para agir pode não agir” (*Lambda* 1071b13-4), não poderia haver movimento.

Deste modo, é necessário haver um princípio⁵¹ cuja essência é puro ato e que seja princípio para o movimento (*Lambda* 1071b20-23). Segundo Berti (2000, p.182), em *Lambda* 6, Aristóteles menciona a necessidade de provar a existência⁵² do terceiro tipo de substância, a

Meline Costa Sousa, 'A prioridade ontológica das substâncias imóveis segundo o livro *Lambda* da *Metafísica* de Aristóteles', p. 65-97

substância imóvel: “mais precisamente, o que requer prova não é apenas a existência da substância eterna (o que talvez poderia ser admitido apenas com a observação dos céus), mas também a existência de uma substância imóvel” (Berti, 2000, p.182). Neste primeiro momento, é a imobilidade desta substância que está em jogo.

Contudo, para defendê-la em *Lambda* 6, Aristóteles se vale das concepções de ato e potência tanto com respeito ao tipo de movimento realizado pelas substâncias eternas, o movimento circular eterno⁵³, quanto com respeito à natureza da substância imóvel⁵⁴. A primazia ou prioridade⁵⁵ dos moventes imóveis é estabelecida em vista do reconhecimento (*Lambda* 6) de um grupo de substâncias que são princípio para o movimento de outras substâncias. Em um primeiro momento do texto (*Lambda* 6), a prioridade se dá em vista da categoria da relação (causa-causado/ato-potência⁵⁶).

Por um lado, essa prioridade refere-se a *to proton panton kinoun panta*⁵⁷ e, por outro, a cada um dos moventes imóveis na medida em que são ato puro e princípio para o movimento das esferas celestes. Assim, a anterioridade pode ser pensada a partir da relação entre aquilo que está em potência para se mover⁵⁸ e o princípio em ato que atualiza esta potência⁵⁹.

No entanto, dados os sentidos de prioridade ontológica⁶⁰ (pelo ser⁶¹; pela substância⁶²; pela natureza⁶³) apresentados na *Metaph.*, como pensar a prioridade do primeiro movente imóvel frente a todos os outros moventes imóveis e a ordenação deles?

Dentre os tipos de prioridade ontológica mencionados anteriormente, encontram-se duas formulações em

termos de condições de existência⁶⁴. No primeiro caso, o critério para se dizer que A é anterior a B é: “A pode existir independentemente de B, ou seja, pode existir sem que B exista ao mesmo tempo; B não pode existir independentemente de A, ao contrário, se B existe, A necessariamente existe ao mesmo tempo” (Witt, 1994, p.216; Angioni, 2010, p.84-5). No segundo caso (Fine, 1984 *apud* Corkum, 2013, p.12-3), a prioridade ontológica pode ser formulada em termos de uma independência existencial na medida em que A não depende de B para existir⁶⁵ e, por isto, pode ser tomado como estando separado de B.

Assim, da associação entre prioridade ontológica e “condições de existência” (Corkum, 2013, p.12) decorrem duas possibilidades. Tal como formulado por Angioni (2010, p.99)⁶⁶, A é independente de B se A existe sem que B exista ao mesmo tempo. Assim, a independência decorre de uma anterioridade no tempo na medida em que podemos imaginar um tempo t1 no qual A exista e B não, e t2 no qual A e B existam. Chamarei, assim, esta possibilidade de existência cronologicamente independente. Segundo a formulação de Fine (1984 *apud* Corkum, 2013, p.12-3), a ênfase encontra-se no fato de A existir separado de B. A noção de separado não envolve necessariamente a noção de tempo já que podemos imaginar um tempo t1 no qual A e B existam concomitantemente e um tempo t2 no qual ambos continuam existindo (como no caso da relação entre as substâncias eternas).

Aplicando essas duas formulações de prioridade ontológica à relação entre os moventes imóveis e os corpos celestes,

Possibilidade 1 - Os moventes imóveis podem existir sem que as substâncias eternas (corpos celestes) existam ao mesmo tempo, mas se as substâncias eternas (corpos celestes) existem, os moventes imóveis existem ao mesmo tempo.

Possibilidade 2 - Os moventes imóveis são separados das substâncias eternas (corpos celestes) se eles podem existir sem que as substâncias eternas (corpos celestes) existam.

Se a prioridade quanto à existência implica na prioridade quanto ao tempo⁶⁷ (possibilidade 1), teríamos que os moventes imóveis podem ser temporalmente anteriores aos corpos celestes⁶⁸. Contudo, dado que tanto os moventes imóveis quanto as substâncias que se movem circularmente são eternos, ou seja, não há um começo nem um fim para sua existência, a prioridade temporal não se aplica⁶⁹.

Se a prioridade quanto à existência implica em existir separadamente (possibilidade 2), pode-se assumir que os moventes imóveis existem separadamente das substâncias sensíveis terrestres, das quais eles são causa remota do movimento (*Ph.* II.2). Poderíamos dizer o mesmo em vista das substâncias sensíveis celestes, das quais eles são causa próxima do movimento circular eterno?

O problema envolvido, aqui, deve-se ao fato de, em nenhum momento de *Lambda*, Aristóteles afirmar que os moventes imóveis ou o primeiro movente imóvel existem separadamente das esferas celestes por eles movidas⁷⁰.

Angioni (2010, p.90-1) sugere outro sentido para o termo separado⁷¹, cujo sinônimo é “acabado”, “perfeito” e que não denota uma “independência existencial”, ou seja, uma condição de existência, mas um “todo autônomo, ao qual nada falta para que ele seja o que ele é” (*ibidem*, p.90); o exemplo dado pelo estudioso consiste na relação entre as substâncias e as categorias⁷².

Aplicando esta outra compreensão de prioridade ontológica aos moventes imóveis, estes seriam mais perfeitos na medida em que o ato é mais perfeito que a potência⁷³. Neste caso, o critério não se põe em termos de independência ou dependência quanto à existência. A forma não é primeira que a matéria por existir sem esta (o que Aristóteles nega), nem o todo é primeiro por existir independentemente das partes⁷⁴. Portanto, aqui, a primazia deve ser pensada em termos de perfeição (ou graus de perfeição) da substância.

Se tomarmos separado como perfeito/acabado, a prioridade ontológica dos moventes imóveis não estaria vinculada à existência⁷⁵, mas à essência. Peramatzis (2013, p.16) formula a noção de prioridade nos seguintes termos: A é ontologicamente anterior a B se e somente se A pode ser o que ele é independentemente de B ser o que ele é, enquanto o contrário não é válido.

Assim, os moventes imóveis são o que eles são independentemente de as substâncias eternas serem o que elas são, enquanto as substâncias eternas não podem ser o que elas são sem que os moventes imóveis sejam o que eles são. Como faz parte da natureza das

substâncias eternas se moverem circularmente, elas dependem dos moventes imóveis para que este movimento aconteça.

Conclui-se, portanto, dados os sentidos de prioridade ontológica discutidos: 1) os moventes imóveis são numericamente distintos dos outros tipos de substância e 2) são essencialmente distintos, porque são mais perfeitos ou acabados. Este segundo sentido nos ajuda a compreender a distinção entre o primeiro movente imóvel e os outros moventes imóveis. O critério de ordenação proposto por Aristóteles em *Lambda* 8 pauta-se no grau de perfeição próprio a cada um deles.

Sobre eles existirem de modo independente, tal condição pode ser entendida como uma existência anterior no tempo ou como uma separação. Nenhum dos dois casos parece se aplicar aos moventes imóveis já que os moventes imóveis e os corpos celestes são concomitantes e não há nenhuma indicação textual de que eles existam separados.

NOTAS

1 Este texto é continuação de outro artigo, no qual discuti a natureza dos moventes imóveis, tentando explicitar as dificuldades em torno de classificá-los. Cf. Sousa, 2016.

2 Foi utilizada, aqui, a edição do livro *Lambda* realizada por Fazzo (2012).

3 Tal como mostra Owens (1951, p.94-104) os estudiosos (Jaeger, Von Arnim, Nuyen, Oggioni) divergem consideravelmente acerca do período de elaboração dos livros da *Metaph.*, dentre eles, de *Lambda*. Segundo Angioni (2005, p.172), algumas

características de *Lambda* (“o caráter alusivo dos argumentos”, “certas imprecisões conceituais”, “certas dificuldades envolvidas nos exemplos”) apontam para o “estado incipiente e embrionário das teses de Aristóteles [...] Nessa perspectiva, podemos imaginar que o livro XII da *Metaph.*, em suas passagens mais difíceis e alusivas, teria sido concebido por Aristóteles como uma lista programática de teses e argumentos que ele ainda teria de desenvolver ou aprimorar, para alcançar sua maturidade filosófica”.

4 Alguns estudiosos (Jaeger (1923), Barnes (1985), Frede (1987)) entendem haver, na *Metaph.*, dois projetos distintos, um chamado de ontologia que investiga o ente em geral e outro chamado de teologia que trata apenas da substância divina. Cf. Bell, 1998, p.1-2. Baseando-se em algumas passagens da *Metaph.* (*Gamma* 1-2 e *Epsilon* 1), Frede (1987, p.82-5) descreve haver dois projetos diferentes ao longo da obra: uma metafísica geral e uma metafísica específica. Em *Gamma* (1-2), Aristóteles apresenta a filosofia primeira como a ciência do ente enquanto tal, distinguindo-a das outras ciências que tratam apenas de um aspecto particular do ente, tal como a matemática e a física. Em *Epsilon* 1, a filosofia primeira é relacionada à investigação de um tipo específico de ente, o qual é primeiro na ordem dos entes, chamando-a de teologia. Frede (1987, p.84) reconhece que Aristóteles não vê uma incompatibilidade entre estas duas noções de filosofia primeira, discordando da afirmação de Jaeger de que se trataria de diferentes estágios do pensamento aristotélico. No entanto, Frede (1987, p.84-5) mantém a distinção entre elas na medida em que considera que a metafísica geral envolve uma ontologia mais ampla do que aquela realizada pela teologia ao abarcar certos princípios universais como, por exemplo, o princípio da não contradição. A tendência contemporânea, como afirma Menn (2011, p.188), é não assumir tal distinção. Não assumo, neste artigo, que haja uma distinção entre as abordagens ontológica e teológica da *Metaph.*

5 Uso a expressão filosofia primeira e não o título *Metaph.* em vista dos inúmeros problemas em tentar compatibilizar em um único projeto todos os seus livros. Assim, ao dizer filosofia primeira, tenho em vista que todos os livros fazem parte de uma mesma disciplina, a filosofia primeira. Não entrarei no debate sobre as inconsistências encontradas ao longo dos livros da *Metaph.*

archai 

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Meline Costa Sousa, ‘A prioridade ontológica das substâncias imóveis segundo o livro *Lambda* da *Metafísica* de Aristóteles’, p. 65-97

Meline Costa Sousa, 'A prioridade ontológica das substâncias imóveis segundo o livro *Lambda* da *Metafísica* de Aristóteles', p. 65-97

6 *Alpha* 2 982a5; *Alpha* 2 982a4-5; *Kappa* 3 1061b15; *Alpha* 1 993a30; *Beta* 1 995b19; *Beta* 2 997a26; *Gamma* 3 1005a29; *Lambda* 1 1069a18-9, etc. Cf. Berti, 2016, p.67-8.

7 Cf. Tahko, 2013, p.50.

8 Johnson (2015, p.163) utiliza estes dois critérios para discutir a subordinação entre as ciências.

9 Como sugere Bell (1998, p.25; 27), frente às considerações dos *APo.* 1.9, esta universalidade da sabedoria mostra-se, de certo modo, problemática. Se toda ciência é universal e necessária, cuja universalidade é expressa através do gênero e da espécie, como poderia haver uma ciência do ente se ele não é um gênero? Se a filosofia primeira fosse ciência, ela deveria seguir os critérios apontados nos *APo.* Contudo, como reconhece o próprio Aristóteles na *Metaph.* *Beta* 2 997a25-32, se a filosofia primeira é ciência da substância, ela deveria demonstrar a substância e seus atributos: contudo, não há demonstração da substância na medida em que não se demonstra o que é, a definição. Como entender, assim, que a filosofia primeira é uma ciência ou conhecimento sem ser demonstrativo? A alternativa proposta por Bell é pensar “como a metafísica pode ser universal sem ser uma ciência universal do tipo que é criticado em *APo* 1.9 e, implicitamente, em *Metaph.* 1.9” (*ibidem*, p.27). Assim, segundo Bell, Aristóteles é contra uma ciência universal entendida como uma ciência que dê conta de todas as causas ou princípios: “ele parece deixar aberta a possibilidade de uma ciência ser universal não porque os princípios que ela investiga são suficientes para explicar todas as coisas, mas porque ela investiga princípios de um fenômeno compartilhado por todas as coisas e, por isto, princípios que são uma parte necessária da abordagem completa de qualquer coisa” (1998, p.40). O ponto, aqui, é entender que os princípios da filosofia primeira não são universais do mesmo modo que os gêneros. Em outras palavras, os princípios não são universais porque todos os entes caem sob ele, tal como o gênero animal que abarca todos os animais. O ente ou a substância são universais na medida em que tudo que existe é um ente ou uma substância, mas cada um ao seu modo. Como aponta Bell (*idem*), se a filosofia primeira fosse uma ciência universal de todos os princípios, ela seria capaz de demonstrar, a partir de seus princípios, as conclusões de todas

as outras ciências particulares. Contudo, o problema maior diz respeito a cada ciência demonstrar os atributos per se de um dado sujeito. Assim, ou os atributos demonstrados pelas outras ciências a partir dos princípios universais da filosofia primeira seriam atributos acidentais e não essenciais, dos quais não há conhecimento, ou os princípios universais seriam comuns a filosofia primeira e a outras ciências, o que aniquilaria a divisão aristotélica das ciências conforme os princípios próprios de cada ciência. Disto segue que Aristóteles não tem em vista que os princípios da filosofia primeira são universais neste sentido, ou seja, logicamente universais (em referência ao vocabulário lógico gênero-espécie). Também não resolve o problema dizer que a substância seria o princípio desta ciência, a filosofia primeira, a qual não seria demonstrada, mas intuída. Isto, pois a substância não é tratada apenas como um princípio, mas também como algo que possui princípios e causas: “a ciência do ente enquanto ente é, em grande medida, uma investigação acerca das causas da substancialidade em uma substância” (*ibidem*, p.64).

10 Sobre o modo pelo qual Aristóteles distingue a filosofia primeira das outras ciências cf. Bell, 1998, p.50-61; Irwin, 1988; Leszl, 1975.

11 Cf. *Kappa* 4 1061b27ss. No *De anima* I.1 403b16, Aristóteles diz que cabe ao filósofo primeiro investigar aquilo que existe separado.

12 Segundo a *Metaph. Gamma* 2 1003b5-10: 1) algumas coisas são antes enquanto substâncias; 2) outras enquanto afecções da substância; 3) outras enquanto conduzem à substância; 4) outras enquanto corrupções, privações, qualidades ou causas da geração e corrupção da substância; 5) outras enquanto negações de algumas das suas propriedades ou da própria substância. Frede (1987, p.87) afirma que o “*focal meaning of being*” da substância sensível identifica-se com a forma substancial. Pelo fato de o modo de ser dos outros entes depender do modo de ser das substâncias sensíveis, todos os modos de ser “dependem do modo de ser das formas substanciais”.

13 Como aponta Cohen (2009, p.202), ao excluir a possibilidade de que a matéria seja a substância em *Zeta* 3, Aristóteles parece sugerir que são dois critérios que estão em jogo para determinar o que é substância e o que não é; o primeiro é a individualidade e

Meline Costa Sousa, 'A prioridade ontológica das substâncias imóveis segundo o livro *Lambda* da *Metafísica* de Aristóteles', p. 65-97

o segundo a determinação. Após excluir que matéria e composto são substâncias, o texto parece sugerir que forma é substância. Segundo Cohen (2009, p.203): “se a substância de x é sua essência (*to ti en einai*), e a essência de um composto hilemórfico é a forma, então, decorre que a substância do composto hilemórfico seja sua forma”. Contudo, Cohen (2009, p.204), baseando-se em *Zeta*, assume ser substância distinta da substância individual: “suponha que x seja uma substância individual e y seja a substância de x. Assim, de acordo com a tese de *Zeta* 6, y (e não x) identifica-se com a sua essência.” A ideia que subjaz à formulação de Cohen, na sua leitura pautada na ontologia das substâncias sensíveis, é a identificação assumida pelo estudioso entre substância e forma e que forma é universal; (sobre alguns dos estudiosos que tomam forma como particular, cf. Gill, 2005, p.231). Como já apontaram outros estudiosos e o próprio autor reconhece em seu artigo, estas duas afirmações envolvem alguns problemas, dentre eles o fato de Aristóteles negar em *Zeta* 13 que substâncias são universais. Segundo Irwin (1988, p.82.), se universais requerem a existência de indivíduos, os universais são dependentes destes e não o contrário. O universal homem depende da existência de indivíduos tais como Sócrates, Cálidas, etc. Assim, Sócrates é “independente dos universais” (*idem*) e, sendo os indivíduos as substâncias primeiras, pode-se concluir acerca da independência destas substâncias. Segundo Angioni (2003, p.245-7), considerou-se haver, em *Zeta* 3, a apresentação de dois critérios incompatíveis para definir *ousia*, o critério da subjacência e o critério da essência ou forma. O primeiro estaria em harmonia com o “realismo juvenil das *Cat.*” e o segundo critério seria uma reformulação aristotélica da sua concepção de substância. No entanto, Angioni (*ibidem*, p.246) afirma não haver incompatibilidade entre eles já que tal “noção de subjacente não envolve nenhum contraste relevante entre indivíduos e formas universais que deles se predicam” (*idem*). Assim, Angioni assume dois sentidos para o termo *ousia*: 1) um que designa as entidades ontologicamente independentes como, por exemplo, Sócrates e uma planta; 2) outro que designa a “natureza essencial pela qual algo é precisamente o que é” (*ibidem*, p.247), ou seja, a essência.

14 As substâncias sensíveis são uma instância dos entes que podem ser estudadas enquanto entes pela metafísica ou do ponto de vista do movimento pela física. Cf. Bell, 1998, p.76.

15 Sobre a primazia das substâncias segundo as *Cat.*, cf. Frede, 1987, p.73-80; Zingano, 2016, p.139-42.

16 Cf. Irwin, 1988, p.82.

17 Ente não é um gênero e, neste sentido, não é universal. Na *Metaph. Zeta 13*, Aristóteles nega que ente seja um universal. Cf. Bell, 1998, p.66.

18 Segundo o *Int.* 17a39-b1: “eu entendo por universal o que é naturalmente predicado de muitos e por particular o que não é como, por exemplo, homem e Cálías”. Os autores que defendem que substâncias são universais interpretam *Metaph. Zeta 13*, no qual Aristóteles nega que substâncias são universais, como se referindo a apenas alguns universais, o que não envolveria as formas.

19 Esta polissemia do termo *to de on*, como aponta Cohen (2009, p.200), não pode ser entendida como um tipo de homonímia de modo que o termo apresentasse sentidos completamente diferentes referindo-se à mesma palavra como, por exemplo, o termo manga, o qual significa tanto a fruta, quanto uma extremidade da camisa. Tratar-se-ia de um caso de equivocidade de modo que subjaz os diferentes usos do termo um único sentido. Segundo Tomás de Aquino (*Sent. Metaphysicae* lib. 4 I. 1n. 7 [82100]; trad. J. P. Rowan, 1961), “um termo é predicado de coisas diferentes em muitos modos. Às vezes, ele é predicado deles em vista de um sentido que é o mesmo; então, é dito ser predicado deles univocamente como, por exemplo, animal é predicado de um cavalo e de um boi. Às vezes, o termo é predicado delas em vista de sentidos completamente diferentes; então, é dito ser predicado delas equivocadamente como, por exemplo, cachorro é predicado de uma estrela e de um animal”.

20 Poder-se-ia perguntar: qual a relação entre o objeto de investigação da filosofia primeira e o conhecimento? Esta relação é estabelecida no primeiro livro da *Metaph.* Como é próprio do homem conhecer, dada a diferença específica compartilhada por todos os indivíduos da espécie humana, a dizer, a racionalidade, e o conhecimento é conhecimento das causas, o conhecimento das causas primeiras também é objeto do desejo humano. Nos *APo.* I.2 71b9-12, Aristóteles estabelece a relação entre conhecimento e causa. Segundo Angioni (2007, p.2), são três características atribuídas ao conhecimento: 1) envolve conhecimento da causa; 2)

archai ἀρχαί

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Meline Costa Sousa, ‘A prioridade ontológica das substâncias imóveis segundo o livro *Lambda* da *Metafísica* de Aristóteles’, p. 65-97

envolve o conhecimento de alguma relação necessária; 3) opõe-se ao modo sofisticado de conhecer.

21 Segundo Bell (1998, p.23), o homem sábio a) conhece todas as coisas para as quais está apto a conhecer; b) possui conhecimento de difícil aquisição; c) tem um conhecimento mais acurado das causas e é mais capaz de ensinar.

22 Sábio não é aquele que conhece todas as coisas, o que é impossível, mas o indivíduo que conhece os princípios de todas as coisas, a partir dos quais ele pode derivar outros conhecimentos. Trata-se de uma distinção qualitativa e não quantitativa.

23 Os princípios são divididos em dois grandes grupos (*Delta* 1 1013a19-20), os princípios imanentes (*enyparchousai*), os quais são intrínsecos a um dado ente e responsáveis por seu movimento como, por exemplo, a natureza (forma e matéria), os elementos e o pensamento; e os princípios transcendentos (*echtos*), os quais são causa do movimento de outro ente como substância, fim, bem e belo.

24 Refiro-me aos livros nos quais se considera haver uma investigação ontológica.

25 Embora não se referindo a relação entre *Lambda* e os outros livros da *Metaph.*, Frede (1987, p.87-90) estabelece a relação entre os dois projetos metafísicos (geral e específico) a partir da noção de que o sentido principal de ente é a forma substancial. Devido ao fato de as substâncias não sensíveis tal como o movente imóvel, privadas de matéria, serem, formas separadas, a noção de forma substancial é central no projeto metafísico aristotélico. Contudo, como coloca Menn (2011, p.197), as substâncias imóveis não são formas separadas. Outra leitura compatibilista (Burnyeat, 2001) tenta reconhecer *Lambda* como um resumo de *Zeta* 7-9. Para uma análise dessa leitura, cf. Crubellier, 2016, p.119-21.

26 Para Frede (1987, p.88) a precedência do estudo da substância sensível em *Zeta* deve-se ao fato de a substancialidade das substâncias sensíveis ser um primeiro passo na investigação da substância já que “nós apenas alcançamos um entendimento completo da substancialidade da substância sensível quando nós já tivermos entendido a substancialidade das substâncias não sensíveis”. Frede (*idem*) associa a decisão aristotélica de

discutir primeiro a substância sensível e não a substância não sensível ao princípio metodológico segundo o qual o conhecimento se inicia com aquilo que nos é mais familiar em vista do que está mais distante da nossa experiência.

27 Segundo Frede (2000, p.53), *Lambda* é um tratado independente. Um dos argumentos para defender sua independência pauta-se na repetição de conteúdos que já haviam sido discutidos em outros livros da *Metaph.* Uma das razões de *Lambda* ter sido integrado aos livros da *Metaph.* dever-se-ia ao fato de ser o único livro no qual Aristóteles leva à cabo as promessas explicitadas nos outros livros, tal como *Zeta*, de discutir as substâncias separadas. Portanto, distingo, aqui, a investigação da relação entre *Lambda* e a *Metaph.* e a investigação da relação entre *Lambda* e a filosofia primeira. Isto se deve à duas possibilidades: 1) *Lambda* é um texto que não faz parte do tratado *Metaph.*, mas é um texto de filosofia primeira; 2) *Lambda* é um texto que faz parte da *Metaph.* e é um texto de filosofia primeira. Esta análise que proponho, na parte inicial do artigo, parece corroborar a segunda possibilidade. Na medida em que *Lambda* discute os princípios e causas das substâncias, ele pode ser considerado um texto de filosofia primeira. Na medida em que, como mostra Burnyeat (2001) e Menn (2011), há uma continuidade entre a investigação de outros livros da *Metaph.* e *Lambda*, o qual parece não ser um livro completamente desconectado com os livros da *Metaph.*

28 Embora o pronome demonstrativo seja utilizado nesta construção, no grego, encontramos o artigo definido. Segundo a sugestão de Frede (*ibidem*, p.54-5), tratar-se-ia da continuação de um “empreendimento” já iniciado por Aristóteles e não, como sugerem outros estudiosos, do início de uma nova investigação. Para outras possibilidades de leitura dessa primeira linha do livro *Lambda*, cf. Berti, 2016, p.67-9.

29 Cf. Frede, 2000, p.57-8.

30 Haveria entre todas as substâncias um certo tipo de unidade, a qual não pode ser entendida materialmente, na medida em que não há uma união material entre elas, mas talvez uma união causal.

31Entes não causalmente relacionados. A comparação estabelece a oposição entre um conjunto de entes conectados por

Meline Costa Sousa, 'A prioridade ontológica das substâncias imóveis segundo o livro *Lambda* da *Metafísica* de Aristóteles', p. 65-97

relações causais e um conjunto desconexo de entes ordenados em determinado modo. Temístio (1999, p.47) vê, aqui, três possibilidades, sendo duas delas compreensões do todo: 1) o todo pode ser entendido como, por exemplo, a unidade dos órgãos do corpo humano ou vegetal; 2) como um composto de partes que se tocam como, por exemplo, uma casa ou um barco; 3) como um agregado de coisas separadas como, por exemplo, uma cidade ou um exército. De acordo com Crubellier (2000, p.140), o universo para Espeusipo seria formado a partir de “diferentes estratos de substâncias” hierarquicamente organizadas, embora não haja, entre elas, nenhuma relação causal. Como aponta Berti (2016, p.70), Ross e Frede compartilhariam dessa interpretação. Berti (*ibidem*, p.71) se posiciona afirmando que “a primazia da substância está justificada, aos olhos de Aristóteles, não apenas pela sua própria filosofia, *i.e.*, pela doutrina das categorias, a qual está, certamente, presente no livro *Lambda*, mas também pelas filosofias dos seus predecessores [seja Espeusipo, seja Platão]”.

32 Embora em algumas traduções destes passos (ex. Reale, 2005, p.543), encontra-se o termo categoria, no texto grego, este termo não aparece. Contudo, os exemplos dados por Aristóteles sugerem que se trate das categorias.

33 Segundo Zingano (2016, p.142), trata-se da prioridade natural da substância frente às outras categorias: “se ela é destruída, as outras são destruídas, mas um item das outras categorias pode ser destruído sem que a substância seja destruída”.

34 Cf. Berti, 2000, p.191.

35 Para uma justificativa destes números, cf. Angioni, 2005, p.192-3.

36 Os capítulos 1-6 tratam da substância sensível e os capítulos 7-10 tratam da substância imóvel. Deste modo, os capítulos de *Lambda* mostram que a investigação levada a cabo por Aristóteles, neste livro, não é apenas uma teologia, mas também uma ontologia das substâncias sensíveis.

37 Cf. Rapp, 2016, p.87-117.

38 Sobre a relação entre elas, cf. Zingano, 2016, p.145.

39 Como sugere Frede (2000, p.62), o enfoque parece estar na substância e não nos princípios e causas: “devemos nos lembrar que

nós não estamos interessados apenas nos princípios da substância, mas também nas substâncias para as quais eles são princípios”.

40 Não há uma causa ou princípio para o primeiro movente imóvel.

41 Cf. Zingano, 2016, p.142.

42 No caso da substância sensível, os princípios são divididos em causas internas/imanentes (forma, matéria e privação) e causas externas/transcendentes ou causas relativas do movimento tal como o médico-saúde, o carpinteiro-casa e o pai-filho. As causas internas são princípios imanentes às substâncias sensíveis enquanto as causas externas são substâncias ontologicamente autônomas que exercem o papel de causa eficiente para outras substâncias.

43 De certo modo, esta questão fica sem resposta, pois as substâncias imóveis não possuem causas ou princípios, na medida em que elas são as causas e princípios do movimento das substâncias sensíveis eternas.

44 Aqui, Aristóteles menciona o exemplo dos astros celestes. Não há nenhuma referência, nesse capítulo, às substâncias imóveis, as quais também são eternas.

45 Cf. *Theta* 8 1050a4-6.

46 Para uma análise detalhada da estrutura do raciocínio cf. Berti, 2000, p.183-4.

47 Segundo Berti (*ibidem*, p.183), esta premissa está implícita no raciocínio.

48 Crubellier (2000, p.157-8) toma como enigmática esta primeira referência ao movente imóvel no livro *Lambda*. Contudo, se levarmos em consideração que a menção ao primeiro movente imóvel está relacionada ao fato de haver, para as substâncias sensíveis, um princípio que é causa do movimento, havendo, dentre todos os princípios de movimento, um primeiro princípio absoluto, ou seja, o movente imóvel, o texto se mostra mais coerente.

49 Aristóteles (*Lambda* 6 1071b9-14) mencione a existência de um movimento circular eterno/contínuo, mas não atribui, aqui, este movimento à substância sensível eterna. Isto será feito apenas em *Lambda* 7.

archai ἀρχαί

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Meline Costa Sousa, 'A prioridade ontológica das substâncias imóveis segundo o livro *Lambda* da *Metafísica* de Aristóteles', p. 65-97

50 Como os moventes imóveis movem? Que tipo de causa eles são para os movimentos circulares? Há grande divergência entre os estudiosos acerca disto. Alguns afirmam que os moventes imóveis são causas finais, outras causas eficientes. Cf. Berti, 2000, p.181-206; Miller, 2013, p.277-98; Ross, 2016, p.207-27.

51 Este raciocínio se aplica tanto ao primeiro movente imóvel quanto aos outros moventes na medida em que todos eles são princípio para um movimento eterno.

52 Provar a existência não pode ser entendido no sentido de uma demonstração cuja conclusão seja 'os moventes imóveis existem', mas uma constatação da necessidade da existência desta substância imóvel. Isto pois vai contra os princípios estabelecidos nos *APo.*, conforme os quais uma ciência não demonstra seu objeto de investigação.

53 A noção de ato-potência decorre da noção de contínuo. A continuidade do movimento circular, a qual é justificada pela sua eternidade, demanda um movente que seja eterno. Para isto, é necessário que esta substância não esteja em potência, caso contrário, ela poderia não ser causa do movimento se esta potência não se atualizasse. Logo, a natureza desta substância imóvel é ser puro ato. Por não se mover, o movente imóvel não depende de nada a fim de atualizar a sua potência. O estabelecimento da substância primeira cuja atualização não envolve nenhuma potência, já que ela é ato puro, pressupõe que o ato seja anterior à potência.

54 Cf. *Ibidem*, p.186.

55 Nas *Cat.* 2a13-8, Aristóteles afirma que as substâncias, primordialmente, não são ditas de nenhum sujeito e não se encontram em nenhum substrato. O discurso aristotélico versa sobre a relação entre a substância e as outras categorias, não sobre a relação entre substâncias. Sendo assim, não utilizarei as *Cat.* como fonte para pensar a prioridade dos moventes imóveis.

56 Embora haja casos nos quais não exista identidade entre a prioridade ontológica e a prioridade causal como, por exemplo, os "atributos não podem existir sem a existência da substância primeira individual, embora não haja nenhuma referência de qualquer tipo à relação causal entre os dois". Contudo, no caso dos moventes imóveis, esta identidade se aplica

já que eles são a causa do movimento das substâncias eternas. Cf. Witt, 1994, p.217.

57 Este primeiro movente imóvel é caracterizado como “eterno, ato puro, imaterial, metafisicamente simples, movente imóvel, inteligível e desejável em máximo grau, pura inteligência e o melhor tipo de vida” (Herzberg, 2016, p.157), cf. Ross, 2016, p.208-9. Fazzo (2016, p.181-205) discute se o primeiro movente imóvel é puro ato ou em ato.

58 Segundo Witt (1994, p.221), há uma distinção entre a relação ato-potência no que diz respeito ao movimento e no que diz respeito à substância. No caso dos moventes imóveis, as duas coisas parecem se misturar, pois Aristóteles afirma que os moventes imóveis são primeiros em referência às outras substâncias e estabelece uma hierarquia entre eles. Trata-se, portanto, de uma prioridade enquanto eles são causa de movimento e outra prioridade enquanto uns são mais perfeitos que outros.

59 Há uma sutil distinção entre os moventes imóveis e o primeiro movente imóvel que pode ser inferida de *Lambda* 8. Aristóteles, nas linhas 24-6, descreve o princípio “primeiro entre dos entes” como não estando sujeito ao movimento nem por si, nem por acidente. Ao descrever os outros moventes imóveis, a partir da linha 31, Aristóteles afirma apenas que há uma substância imóvel em si para cada movimento eterno. Ao dizer que estas substâncias não se movem em si, Aristóteles deixa a possibilidade aberta para que elas se movam por acidente. Assim, o que distinguiria o primeiro movente imóvel dos outros moventes imóveis é o fato de aqueles serem imóveis em si, mas móveis por acidente.

60 Toma-se a prioridade ontológica como envolvendo a noção de prioridade pelo ser, pela substância e pela natureza. Assim, não discutirei a prioridade dos moventes imóveis quanto à definição, quanto ao tempo, nem quanto ao conhecimento apresentados em *Zeta* 1028a32-3 (*proton logoi; proton gnosei; proton chronoï*). Cf. Peramatzis, 2008, p.187; Angioni, 2010.

61 *Metaph. Mu* 2 1077b13. Cf. Angioni, 2010, p.76, n.1.

62 *Metaph. Mu* 2 1077b2. Cleary (1988, p.61) reconhece que este sentido de prioridade se aplica às substâncias eternas.

63 *Metaph. Delta* 11 1019a1-4. Segundo Corkum (2013, p.8), prioridade natural pode ser definida como uma “relação assimétrica envolvendo noções de dependência e independência ontológica”.

64 Cf. Fine, 1995, p.271; Peramatzis, 2008, p.187-8; Angioni, 2010, p.75-106.

65 Spellman (1995, p.84-5) apresenta algumas críticas à consideração de Fine.

66 O objeto de investigação do estudo de Angioni (2010) não são as substâncias eternas, mas as substâncias sensíveis que se geram e se corrompem.

67 Segundo Barnes (1995, p.103), causas primeiras não são consideradas como tal por serem cronologicamente anteriores.

68 A anterioridade no tempo se aplica à relação entre os moventes imóveis e as substâncias sensíveis corruptíveis.

69 Witt (1994, p.215-6) reconhece ser um problema identificar a prioridade do ato frente à potência como uma prioridade em termos de anterioridade no tempo.

70 Em uma passagem do livro *Epsilon* 1026a13-16, Aristóteles atribui à *Metaph.* o domínio das substâncias separadas e imóveis (*chorista kai akineta*). Neste caso, separado parece se referir a uma existência independente do substrato material.

71 Para Angioni (2010, p.91): “se A constitui um todo perfeito e acabado, no qual B pode estar, de certo modo, incluído; se B não constitui um todo acabado, no qual se pudesse dizer que A está incluído”.

72 “Seja A uma substância, seja B uma qualidade. Por um lado, não há nenhuma qualidade que possa existir sem que exista uma substância na qual ela esteja inerente. Por outro lado, não há nenhuma substância que possa existir sem que exista uma qualidade que lhe seja atribuída. Não há nenhuma assimetria quanto às condições de existência de ambos os itens, pois ambos dependem um do outro para existir”. *Ibidem*, p.90.

73 Sobre a anterioridade do ato frente à potência, cf. *Metaph. Theta* 8 1049b4-1051a3.

74 Exemplos fornecidos por Cleary (1988, p.61).

75 Para Angioni (2010, p.99), a prioridade pelo ser do primeiro movente imóvel é acompanhada da prioridade quanto a existência e da prioridade que o autor chama de causal-explanatória “dado que o Primeiro Motor é, em certo sentido, causa de todas as coisas”.

BIBLIOGRAFIA

ANGIONI, L. (2005). Comentários ao Livro XII da *Metafísica* de Aristóteles. *Cad. Hist. Fil. Ci.*, Campinas, 3, v. 15, n. 1, p.171-200.

ANGIONI, L. (2007). O conhecimento científico no livro I dos *Segundos Analíticos* de Aristóteles. *Journal of Ancient Philosophy*, vol. 1, 2007, p.1-24. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-9471.v1i2p1-24>

ANGIONI, L. (2010). Prioridade e substância na *Metafísica* de Aristóteles. *Dois Pontos*, vol. 7, n. 3, p.75-106. <https://doi.org/10.5380/dp.v7i3.14818>

ANGIONI, L. (2003). Subjacente e forma na teoria aristotélica da *ousia*. *Cad. Hist. Fil. Ci.*, Campinas, 3, v. 13, n. 2, p.245-75.

REALE, G. (2005) (ed.). Aristóteles. *Metafísica*. São Paulo, Edições Loyola.

ROSS, W. D. (1975) (ed.). Aristotle. *Metaphysics*. Vol. 1. London, Oxford University Press.

ROSS, W. D. (1991). (ed.). Aristotle. *Metaphysics*. In: BARNES (ed.). *The complete Works of Aristotle*. The Revised Oxford Translation, vol. 2., Bollingen Series LXXI. Princeton, Princeton University Press, p. 1552-1729.

archai 

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Meline Costa Sousa, ‘A prioridade ontológica das substâncias imóveis segundo o livro Lambda da *Metafísica* de Aristóteles’, p. 65-97

AVERROES. (1986). *Commentary on Aristotle's Metaphysics Book Lam.* Leiden, E. J. Brill.

BARNES, J. (1995). *Metaphysics*. In: BARNES, J. (ed.). *The Cambridge Companion to Aristotle*. Cambridge: Cambridge University Press, p.66-108.

BELL, I. H. (1998). *Metaphysics as an Aristotelian Science*. Dissertation (Doctor of Philosophy) - University of Toronto, Toronto.

BERTI, E. (2000). *Metaphysics L.6*. In: FREDE, M.; CHARLES, D. (eds.). *Aristotle's Metaphysics Lambda*. Symposium Aristotelicum. Oxford, Clarendon Press, p.181-206.

BERTI, E. (2016). *The program of Metaphysics Lambda* (chapter 1). In: HORN, C. (ed.) *Aristotle's Metaphysics Lambda*. New Essays. Boston/Berlin, Walter de Gruyter Inc., p.67-86. <https://doi.org/10.1515/9781501503443-005>

BURNYEAT, M. (2001). *Map of Metaphysics Zeta*. Pittsburgh, Mathesis Publications.

CLEARY, J. J. (1988). *Aristotle on the Many Senses of Priority*. Cardondale, Southern Illinois University Press.

CODE, A. (2000). *Some Remarks on Metaphysics L.5*. In: FREDE, M.; CHARLES, D. (eds.). *Aristotle's Metaphysics Lambda*. Symposium Aristotelicum. Oxford, Clarendon Press, p.161-80.

COHEN, S. M. (2009). *Substance*. In: ANAGNOSTOPOULOS, G. (ed.) *A Companion to Aristotle*. Blackwell Publishig Ltd., p.197-212. <https://doi.org/10.1002/9781444305661.ch12>

CRUBELLIER, M. (2000). Metaphysics L.4. In: FREDE, M.; CHARLES, D. (eds.). *Aristotle's Metaphysics Lambda. Symposium Aristotelicum*. Oxford, Clarendon Press, p.137-60.

CRUBELLIER, M. (2016). What the Form Has to Be and What It Needs not Be (Metaphysics Lambda 3). In: HORN, C. (ed.). *Aristotle's Metaphysics Lambda. New Essays*. Boston/Berlin: Walter de Gruyter Inc., p.119-37. <https://doi.org/10.1515/9781501503443-007>

FAZZO, S. (2012). *Il libro Lambda della Metafisica di Aristotele*. Naples, Bibliopolis.

FAZZO, S. (2016). Unmoved Mover as Pure Act or Unmoved Mover in Act? The Mystery of a Subscript Iota. In: HORN, C. (ed.) *Aristotle's Metaphysics Lambda. New Essays*. Boston/Berlin, Walter de Gruyter Inc., p.181-205. <https://doi.org/10.1515/9781501503443-010>

FINE, G. (1984). Separation. In: *Oxford Studies in Ancient Philosophy*, p.31-87.

CORKUM, P. (2013). Substance and Independence in Aristotle. In: SCHNIEDER, B.; STEINBERG, A.; HOELTJE, M. (eds.). *Varieties of Dependence: Ontological Dependence, Supervenience, and Response Dependence*. Munich, Philosophia Verlag, p.65-96.

FINE, K. (1995). Ontological Dependence. In: *Proceedings of the Aristotelian Society*, 95, p.269-90. <https://doi.org/10.1093/aristotelian/95.1.269>

archai 

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Meline Costa Sousa, 'A prioridade ontológica das substâncias imóveis segundo o livro Lambda da Metafisica de Aristóteles', p. 65-97

PERAMATZIS, M. M. (2008). Aristotle's Notion of Priority in Nature and Substance. In: *Oxford Studies in Ancient Philosophy* nº35, p.187-247.

FREDE, M. (1987). *Essays in Ancient Philosophy*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

FREDE, M. (2000). Metaphysics L.1. In: FREDE, M.; CHARLES, D. (eds.) *Aristotle's Metaphysics Lambda. Symposium Aristotelicum*. Oxford, Clarendon Press, p.53-80.

GERSON, L. P. (2013). Incomposite Being. In: FESER, E. (ed.) *Aristotle on Method and Metaphysics*. New York: Palgrave Macmillan, p.259-276. https://doi.org/10.1057/9781137367907_13

GILL, M. L. (2005). Aristotle's Metaphysics Reconsidered. *Journal of the History of Philosophy*, vol. 43, n.º 3, 2005, p.223-51. <https://doi.org/10.1353/hph.2005.0138>

HERZBERG, S. (2016). God as Pure Thinking. An Interpretation of Metaphysics Lambda 7, 1072b14-26. In: HORN, C. (ed.) *Aristotle's Metaphysics Lambda. New Essays*. Boston/Berlin: Walter de Gruyter Inc., p.157-80. <https://doi.org/10.1515/9781501503443-009>

HORN, C. (ed.) (2016) *Aristotle's Metaphysics Lambda*. New Essays. Boston/Berlin, Walter de Gruyter Inc. <https://doi.org/10.1515/9781501503443>

IRWIN, T. (1988). *Aristotle's First Principle*. Oxford, Clarendon Press.

JOHNSON, M. R. (2015). Aristotle's archthetonic sciences. In: EBREY, D. (ed.) *Theory and Practice*

in *Aristotle's Natural Science*. Illinois, Cambridge University Press, p.163-87. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107295155.009>

JOHNSON, M. R. (1987). *Essays in Ancient Philosophy*. Minneapolis, University of Minnesota Press.

KOSLICKI, K. (2013). Substance, Independence, and Unity. In: FESER, E. (ed.). *Aristotle on Method and Metaphysics*. New York, Palgrave Macmillan, p.169-95. https://doi.org/10.1057/9781137367907_9

MENN, S. (2011). On Myles Burnyeat's Map of Metaphysics Zeta. In: *Ancient Philosophy* n°31, p.161-202. <https://doi.org/10.5840/ancientphil20113119>

MENN, S. (1995). The Editors of the Metaphysics. In: *Phronesis*, vol. 2, 1995, p.202-8. <https://doi.org/10.1163/156852895321051955>

MILLER, F. D. (2013). Aristotle's Divine Cause. In: FESER, E. (ed.) *Aristotle on Method and Metaphysics*. New York: Palgrave Macmillan, p.277-98. https://doi.org/10.1057/9781137367907_14

OWEN, G. E. L. (1986). Logic and Metaphysics in Some Earlier Works of Aristotle. In: OWEN, G. E. L. *Logic, Science and Dialectic: Collected Papers in Greek Philosophy*. London, Cornell University Press, p.180-220.

PERAMATZIS, M. M. (2008). Aristotle's Notion of Priority in Nature and Substance. In: *Oxford Studies in Ancient Philosophy* n.º35, p.187-247.

POLITIS, V. (2004). *Aristotle and the Metaphysics*. London/New York, Routledge.

archai 

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Meline Costa Sousa, 'A prioridade ontológica das substâncias imóveis segundo o livro Lambda da *Metafísica* de Aristóteles', p. 65-97

RAPP, C. (2016). The Principles of Sensible Substance in *Metaphysics Lambda* 2-5. In: HORN, C. (ed.) *Aristotle's Metaphysics Lambda. New Essays*. Boston/Berlin, Walter de Gruyter Inc., p.87-117.

SCHAFFER, J. (2009). On What Grounds What. In: CHALMERS, D. J.; MANLEY, D.; WASSERMAN, R. (2009). *Metametaphysics. New Essays on the Foundation of Ontology*. Oxford, Oxford University Press, p.347-83.

SOUSA, M. C. (2016). A pluralidade dos moventes imóveis e os tipos de intelecção na *Metafísica Lambda* de Aristóteles. *Archai: Revista de Estudos sobre a Origem do Pensamento Ocidental* nº16, p.51-67.

SPELLMAN, L. (1995). *Substance and Separation in Aristotle*. Cambridge: Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511624872>

TAHKO, T. E. (2013). Metaphysics as the First Philosophy. In: FESER, E. (ed.). *Aristotle on Method and Metaphysics*, New York, Palgrave Macmillan, p. 49-67. https://doi.org/10.1057/9781137367907_4

THEMISTIUS. (1999). *Paraphase de La Metaphysique d'Aristote. Livre Lambda*. Paris, Librairie Philosophique J. Vrin.

ROWAN, J. P. (1961). (ed.). Thomas Aquinas. *Commentary on the Metaphysics*. Disponível em: URL = <http://dhspriority.org/thomas/Metaphysics.htm>. Acessado em: 12 de junho de 2017.

WITT, C. (1994). The priority of Actuality in Aristotle. In: SCALTSAS, T.; CHARLES, D.; GILL, M. L. (eds.)

Unity, Identity and Explanation in Aristotle's Metaphysics. Oxford: Oxford University Press, p.215-28.

ZINGANO, M. (2016). Individuals, Form, Movement: From Lambda to Z-H. In: HORN, C. (ed.). *Aristotle's Metaphysics Lambda*. New Essays. Boston/Berlin, Walter de Gruyter Inc., p.139-55. <https://doi.org/10.1515/9781501503443-008>

Submetido em Julho e aprovado para publicação
em Agosto, 2017

archai 

nº 22, Jan.-Apr. 2018

Meline Costa Sousa, 'A prioridade ontológica das substâncias imóveis segundo o livro *Lambda* da *Metafísica* de Aristóteles', p. 65-97